

GUERSON, CARLA. *FOGO DE PALHA*.  
VITÓRIA: PEDREGULHO, 2022.

---



(Foto de Nicolas Soares)

Carla Guerson\*

**N**asci na cidade de Vitória/ES (1982), onde escrevo e resido. Sou autora de três livros e transito entre o verso e a prosa na minha escrita. A primeira publicação foi *O som do tapa*, livro de contos

---

\* Escritora (Vitória, ES, 1982), autora de *O som do tapa* (contos, 2021), *Fogo de palha* (poesia, 2022) e *Todo mundo tem mãe, Catarina* (romance, 2024). Coordenadora do Coletivo Escrevintes.

publicado pela Editora Patuá, de São Paulo, lançado em setembro 2021. Em 2022, lancei meu segundo livro, *Fogo de palha*, fruto de um projeto premiado no Edital de Produção de Obras Literárias da Secult/ES em 2022. No ano de 2024, lancei meu primeiro romance, *Todo mundo tem mãe, Catarina*, pela Editora Reformatório.

Me dedico com afinco à leitura de autoras contemporâneas, e sou mediadora dos clubes de leitura Leia Mulheres Vitória e Casa das poetisas. Sou autora da *newsletter* "Pra depois" apresentadora de um podcast sobre literatura e ministro oficinas de escrita criativa. Me considero uma entusiasta da literatura produzida por mulheres no Brasil e sou idealizadora e coordenadora do Coletivo Escrevientes, que hoje agrega mais de setecentas mulheres escritoras de todo o Brasil.

O livro *Fogo de palha* é meu livro de poemas e, embora seja o segundo a ser publicado, foi o primeiro livro a ser escrito. Nele estão os meus primeiros riscos, as falhas, as tentativas. Como primeiro, ele foi responsável por me inaugurar e teve que lidar com alguém que ainda não estava preparada para ele. Alguém que talvez nunca esteja preparada o suficiente para ser poeta.

A expressão fogo de palha me acompanha desde a infância, nos meus rompantes de criatividade, empolgação, vida. Vai passar – eu ouvia. E passava. O fogo abaixa rápido, mas volta. Basta que eu o alimente de novo. E de novo. E de novo. Quem já viu uma fogueira sabe do que eu estou falando. E sabe da beleza de ver um baita fogo de palha crepitando alto e parecendo eterno por um instante. Não é eterno, mas ainda queima.

"Amor é fogo que arde sem se ver", diz um dos versos mais famosos da língua portuguesa. No poema introduzido por essas palavras, Camões elabora reflexões sobre a natureza complexa e paradoxal do amor. Nesse caso, o fogo, assim como o amor, é uma chama intensa, mas invisível, algo contraditório por natureza.

O livro de poesia *Fogo de palha* também explora a contradição e o fogo desde o título. É uma expressão utilizada para se referir ao que dura pouco, ao que é

intenso e efêmero, como a palha ao ser posta para queimar, mas os poemas do livro tratam de temas perenes na existência humana, como a morte, a solidão, o medo, a família e a autodescoberta.

Ao contrário do que o título poderia indicar, os poemas continuam a queimar, cada verso funciona como mais palha sendo colocada para incendiar o interior de cada leitor. São poemas que ateiam fogo à fogueira e fazem os pensamentos e sentimentos que gostaríamos de afastar serem encarados em um terreno bem iluminado. À luz da poesia, os conflitos internos podem ser melhor vistos e reconhecidos. Assim, é possível fazer crescer um fogaréu interno que pode até ser desconfortável no início, mas se torna essencial se a gente quer se perceber gente e se sentir parte. Nesse caso, a palha que não para de ser adicionada, assim como a vida, parece ser infinita, como são os conflitos, dilemas, angústias que nos constituem, até que vem o fim.

A complexidade que Camões confere ao amor é muito menos intrincada que a inquietante jornada humana que me proponho a evocar no livro, porque ele é também sobre raiva, medo, dúvida, insegurança e até mesmo sentimentos ainda não tão bem nomeados. Os poemas desafiam o leitor a encontrar valor estético, literário e existencial a partir do que nasce (d)nas rupturas, traumas e incômodos do eu. Além da beleza dos versos, *Fogo de palha* oferece a quem lê a sensação de identificação, especialmente para leitoras mulheres. Nenhuma de nós está sozinha diante dessas angústias. Se o sentimento de não pertencimento é algo que temos em comum com as outras, isso também pode ser pertencimento.

A experiência feminina no mundo guia esse livro e guia também a minha literatura. Não por limitar a experiência a um nicho, como pode se pensar. Mas por tornar a experiência plausível a partir de um corpo. Por entender que a literatura necessariamente passa pelo escritor, mesmo que ficcional. E que o corpo que escreve não se furta ao que vive e experimenta, tornando pessoal o que é universal e universal o que poderia ser pessoal.

Se por tanto tempo a ideia de universal conteve apenas vivências exclusivamente masculinas ou que deveriam ser assim vistas, *Fogo de palha* se coloca como resistência. Nesse livro, a inquietude tem gênero, se reflete e é refletida pela sociedade. É um livro formulado para buscar conexão com a história de leitoras, ainda que leitores homens também possam se identificar com muitas das questões trabalhadas, exatamente como sempre foi para leitoras antes de termos maior acesso a produtos culturais produzidos por mulheres.

Dividido em três partes, a obra se inicia com a seção “Por se sentir inadequada” e um poema que em sua primeira estrofe diz “Sou / o que queima / o que quer queimar / chama do desejo-ser / fogo incontido / labareda teimosa / escapo entre as grades”. Apresento, assim, um eu lírico que está interessado em alimentar uma pira composta pelo assombro, pelo alívio e pelo desconforto que a morte, a impermanência e a finitude provocam. O sentimento de inadequação se reflete em todo o livro, mas aqui ganha contornos ainda mais universais. Afinal, nada é mais humano do que temer e pensar no fim, seja qual ele for.

A segunda seção, nomeada como “Na hora de fazer não doeu”, aborda a maternidade e a convivência em família de uma maneira não convencional. Frente ao conteúdo do livro, o título evoca uma ironia. Essa frase agressiva é direcionada para gestantes em trabalho de parto e, ao ser lembrada aqui, aponta a crítica à maneira que a sociedade trata as mulheres, em especial as mães, negando a elas o desejo e a dignidade, assim como o direito de reclamar. As poesias, que tratam do incômodo da maternidade, parecem fazer querer fazer valer a voz da autora onde a sociedade lhe nega. A ironia também se completa no fato de que os poemas são permeados por dor existencial, de modo que se para fazer não doeu, para criar certamente doeu e tem doído, reforçando a experiência complexa de ser mãe diante de uma sociedade tão permeada pelo patriarcado. O olhar aguçado aqui se dirige para um outro cotidiano, feito de uma rotina trabalhosa, mas também íntima, em que a sensação de incompletude toma conta.

Os poemas dessa segunda parte reverberam nas demais seções, o que remete ao fato de que a maternidade não é por si só, mas constitui parte da experiência do ser mulher, “seja você mãe / ou não”, como menciona o poema da página 41.

Na seção seguinte, há um poema chamado “Sem anestesia”, que fala sobre resiliência de uma maneira muito física, evocando forças corporais como a contração do parto ou a cólica menstrual para falar sobre se parir como uma pessoa mais autônoma, mais livre de amarras, o que conecta as duas partes como se fosse um jogo com base no real. “Sem anestesia” é o poema da Fênix, é sobre o renascimento após a crise, o corpo que sobrevive às chamas.

### **Sem anestesia**

eu não jogo o seu jogo  
eu não gozo o seu gozo  
o suco que me sobe o estômago é quente  
e arde

eu não sei as suas regras  
eu não perco as minhas guerras  
o caldo que me desce as pernas é morno  
e mancha

eu tive que parir para nascer de novo  
e ainda não aprendi  
onde fica a linha de chegada

meu corpo teima  
enquanto eu sigo tentando expulsar  
sem anestesia

Já a terceira e última seção do livro, “Cansei de performar”, é composta por poemas mais diretos, em que o machismo é dissecado e a descoberta de si como alguém em constante movimento acontece como resultado e processo. Temas como pressão estética, autonomia, corpo e o olhar do outro são postos à prova. Essa é a seção onde o eu lírico se impõe para tentar descobrir quem se é de verdade, além do que é imposto e das aparências, indo atrás de fazer o que se quer e precisa ser feito. É o auge de uma jornada em que a autodescoberta é um processo que não termina, mas que agora foi iniciado. Além disso, a obra

trata sobre o desejo de escrever e ser escritora aqui, em um ato que demonstra a importância de reafirmar que esse lugar e esse desejo também pertencem ao eu lírico. Ou melhor, eu lírica.

*Fogo de palha* é um livro construído sem o medo de olhar para o mundo, para si e para as dúvidas, os tropeços e os entraves que nos compõem enquanto humanos. *Fogo de palha* diz para o que veio em seu poema final, "Posfácio", que afirma

A maior loucura é insistir em estar lúcido  
A lucidez deveria se resumir em assumir a própria insensatez  
e seguir  
Eu olho pra trás de vez em quando

e mostra que a experiência humana é um eterno tatear em zonas desconhecidas, mas continuar mesmo sem saber onde se está pisando. Ao fazer referência implícita à mulher de Ló, que na narrativa bíblica é transformada em estátua de sal por olhar pra trás, pretendo demonstrar que caminho por um senso de comunidade, em que me identifico com as que vieram antes de mim e me coloco como igual.

Somos todas insensatas, não pertencentes, contraditórias e incomodadas, ainda bem. Isso também é ser comunidade. As mulheres agora se reúnem em torno do fogo que um dia as queimou e olham para ele buscando respostas.

Recebida em: 5 de setembro de 2024.  
Aprovada em: 21 de setembro de 2024.